

O anseio de todos os brasileiros é ver sua Pátria próspera e feliz. Só poderemos concretizar esta aspiração pelo trabalho produtivo num ambiente de tranquilidade e de elevação moral e intelectual. Esse ambiente aprendemos a creá-lo nas Escolas Industriais espalhadas por todo o Brasil, para amparar a mocidade e encaminhá-la concientemente ao desempenho do seu grande dever: Trabalhar por uma Pátria digna de seus filhos, dentro dos princípios democráticos que norteiam os povos livres.



ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "CID ROCHA AMARAL", DA ESCOLA INDUSTRIAL DE FLORIANÓPOLIS

ANO 2 Florianópolis, Santa Catarina, Maio e Junho de 1947 Ns. e 9

EXPEDIENTE

NOSSA FOLHA

Diretor — Agricola Bruno
Gerente — Anastácio Silveira
Secret. — Mário M. Loureiro
Redator — Armêdo Taranto
Reporter — Armênio Wendhausen



Endereço:

Escola Industrial, R. Alm. Alvim, 19
Florianópolis — Sta. Catarina

Distribuição: É feita pelo Sr.
Nereu do Vale Pereira

O Primeiro Aniversário do Centro de Intercâmbio Cultural

Esteve em festas no dia 24 de Abril toda a mocidade estudiosa de Florianópolis, com o transcurso do primeiro aniversário de atividades do Centro de Intercâmbio Cultural.

Com a devida antecedência foram distribuídos os convites para uma festa litero-musical com que encerrariam as comemorações, e essa festa deveria realizar-se no salão de festas do Instituto Coração de Jesus, gentilmente cedido para tão significativo acontecimento cultural.

Marcada para ter início às 19,30, somente as 20 horas, depois de achar-se literalmente cheio o recinto, onde se viam além de representantes de todos os filiados ao CIC, professores especialmente convidados e toda uma mocidade radiante e esperançosa, teve início. Assumindo a presidência o Sr. Osvaldo Melo Filho, secretariado pela senhorita Lorey Ballod, digníssima presidente do Clube de Sociologia "Tristão de Ataíde", foi dado início ao festival. Antes de ser concedida a palavra, a senhorita Lorey convida também, para secretariar, tomando parte à mesa, o Sr. Normando Camargo Conceição, do Grêmio Cultural "Professora Antonieta de Barros", assumindo seu lugar. Teve então a palavra o Sr. Osvaldo Melo Filho que, com detalhes, enumerou uma por uma, todas as passagens da vida do CIC, durante o ano que se completava. Discriminou, com muita minúcia, tudo quanto era digno de menção, finalizando com um agradecimento aos fundadores do Centro e um apelo à mocidade que, de acordo com a época,

aprecia mais o comodismo do que a luta contribuidora do aniquilamento desta confusão por que atravessa nossa Pátria, resultante da última guerra que, não só ceifou tantas e tão preciosas vidas, como deixou campo aberto a toda sorte de explorações, atravessando a humanidade um como abandono.

Ao terminar seu discurso foi muito aplaudido o jovem orador.

Ouvindo palavras, assistindo aos aplausos, ficamos meditativos em quando essas palavras, esses incantamentos se tornarão reais e a mocidade se colocará na vanguarda, tornando concretos os fatos que até hoje não passaram de méras palavras.

Iniciando a parte musical, foi anunciada ao piano, a senhorita Hilda Ziperer, que executa "Olhos crioulos". Foi mais um estimulante para o espírito dos assistentes, pois a executante desempenhou-se com tanto talento e mestria que nos fez vagar por um mundo de ilusões, porque a realidade presente está muito aquém daqueles acordes sublimes.

Nesse ambiente de emotividade foi concedida a palavra ao jovem presidente do Grêmio Cultural "Cid Rocha Amaral" que pronunciou um discurso cheio de ardor moço, que visou a finalidade do ensino industrial no Brasil e o seu desenvolvimento.

A seguir reproduzimos a oração do jovem Nereu do Vale Pereira, que ao terminar foi entusiasticamente saudado com vibrante salva de palmas:

"Somos filhos de uma terra encantada onde os pinheirais, o cantar dos passaros, o sol magnífico, o céu anil

assinalado pelo cruzeiro, enfim tudo que pode ser perceptível ao sentimento humano, colocam os visitantes em estado de extase.

Todos estes encantos porém encobrem muitos e muitos problemas que se tornam básicos para o maior elevamento do nosso povo.

Dentre os de maiores vultos destaca-se o do proletariado. Tinhamos e temos de tudo, desde o ouro ao ferro, ou ao urânio, mineral poderoso e integrante da arrasadora bomba atômica, mas, a realidade, é que, estes produtos desaparecem do solo, e, em lugar de permanecerem juntos de nós, afastam-se em poderosos transatlânticos e perdem-se dentro dos nevoeiros.

Porque razão não fica ele aqui? A maioria dos parlamentares de bancos de café, que aliás nada de util trazem à nação, começam logo em ajetar o presidente da República. Mal sabem eles que o mistério já foi desvendado, a realidade é que o povo ainda não o compreendeu.

Aí estão as escolas técnicas e industriais.

Já os matriculados nestes cursos, não são mais alunos de cursos primários. Cresce o seu grau de estudo, aumenta o preparo técnico e cultural, surgem as bolsas e além disso todo material escolar é gratuito, mas poucos são os internados por estas Escolas.

Nesta frase, colegas, burilada pelo conselheiro Liberato em 1867, ressoa hoje como naquele tempo: "O ensino profissional, é forçoso confessar: pode-se dizer quasi desconhecido entre nós. Em nenhum país do mundo, talvez, a sociedade perde maior quantidade de forças humanas, por causa do abandono das vocações e da escolha forçada das profissões, sem as necessárias aptidões naturais".

Esta é a realidade, o ensino industrial tem seu fim almejado pelo governo, mas o povo ainda não procurou reforçá-lo.

Precisamos elevar o nível cultural do nosso operariado, pois a sua percentagem é de 50% de analfabetos.

Nos Estados Unidos o operário goza de todo o conforto; aqui neste

rinção abençoado pela cruz de Cristo, porém, o operário é despresado. Mas esse conforto, que gosam os mais abastados, desde uma simples colherinha de chá até o aparelho alegrador do lar que é o Rádio, passa pela mão do operário. Porque não desprezem estes magnatas, esses produtos que lhes dão o conforto e o descanso?

Nas épocas de campanha política, não faltam palavras de elogios e promessas à massa anônima produtora. Passada esta... nada; assim é a verdade.

Todos estes fatores, o ensino industrial fará desaparecer, elevando os nossos trabalhadores ao nível que lhes é justo.

Certo estamos que mais anos, menos anos, se o povo não procurar sanar o mal que nos assola, teremos que sentir o peso e a força da desgraça vermelha.

Em 1910, Nilo Peçanha, incomparável batalhador do ensino profissional começou o combate, lançando os alicerces das primeiras escolas, às quais eram intituladas: "Aprendizes Artífices", logo após Liceus Industriais, e por fim Escolas Industriais.

Passaram-se os anos e o progresso não aparecia. Passou a revolução de 30 e enfim em 37, o então presidente da República apercebeu-se da necessidade e, mãos a obra.

O número de escolas existentes naquela época era de 19. Logo foi transformado o ensino subindo ao grau secundário, criaram-se novos cursos, como o Técnico, Mestria, Pedagógico e o Básico denominou-se Industrial.

Foram criadas 48 escolas perfazendo um total de 67 sendo 30 industriais e 37 técnicas.

Os resultados foram fantásticos e em pouco tempo, centenas e centenas de fabricas começaram a repipoquear pelo Brasil afora e então começou o nosso comércio a ser abastecido em 50% de produtos nacionais.

Em 1940 surgiu a Escola Técnica Nacional a qual começou a ser lecionada por 26 técnicos estrangeiros.

Vemos aí em poucas linhas, ou melhor pela estatística que passo a ler referente às despesas orçamentárias

com o ensino industrial de 30: em Cr\$ 6.336.140,00 e em 44: de Cr\$ 18.004.143,00, o verdadeiro interesse que tomou o novo regime governamental em favor da industrialização do Brasil.

A larga visão que teve o então presidente foi grande e ele mesmo assim se expressou:

«A instrução que precisamos desenvolver, até o limite extremo de nossa possibilidade é a profissional e técnica.

Sem ela, sobretudo na época caracterizada pelo predomínio da máquina, é impossível trabalho sem organização».

E assim, caros colegas, surgiram, como já citei acima, as formidáveis indústrias que possuímos.

Agora já vemos: a espetacular Fábrica Nacional de Motores, construída em 1943, Usinas de Volta Redonda, também da mesma época e muitas outras que quer entregando os passáros voadores ou a dureza invejável do ferro, são provas insofismáveis do poder firme que vem realizando o ensino industrial no Brasil.

Propagar o ensino industrial é cooperar para a grandeza de nossa mãe Pátria.

Avante pois colegas, como disse Barroso: «O Brasil espera que cada um de nós cumpra com o seu dever».

As palavras quentes e incisivas dos moços catarinenses, que eram uma demonstração e um convite aos moços sem iniciativa e sem força de vontade, para os acompanhar na jornada renovadora, eram fortalecidos pela divina música das gentis e simpáticas senhoritas Herta, Eala e Joseli que executaram uma sonata de Paganini.

O piano parecia falar com altivez aos jovens estudantes brasileiros e os violinos magicamente lhes falava ao coração, em um gigante que precisava ser acordado, já se torna muito longo seu sono, que data de mais de quatrocentos anos, e o despertá-lo é missão que cabe aos moços "porque são fortes".

Serenados os aplausos é concedida a palavra à senhorita Dalva Machado que, muito feliz, ajudada pelos seus conhecimentos da vida de nossos grandes poetas, falou sobre Cruz e Souza, o primoroso poeta catarinense que permanecia esquecido de seus conterrâneos até que o saudoso deputado Oscar Rosas, em brilhante discurso na Câmara Estadual, há mais de cinco lustros, o relembra, o reclama para que sua terra o coloque no lugar de destaque que lhe compete, no seio dos imortais catarinenses.

O belo discurso da senhorita Dalva Machado, foi o seguinte:

"Foi ainda no tempo da escravatura, na cidade de Desterro, hoje Florianópolis, numa cabana pobre e pequenina, que viu a luz pela primeira vez um garoto que um dia haveria de ficar na nossa literatura.

Era então o dia 24 de Novembro de 1862, filho de pais escravos, João da Cruz e Sousa, trazia nas artérias o sangue africano e na alma milenáreas forças da angústia e do sonho.

Desde menino sua vida foi um vale constante de sofrimentos e desesperos, e esta mesma existência difícil e dolorosa repercutiu profundamente naquela alma sensível, naquela alma de poeta, revestindo-se então de significação comovente.

Em seus 35 anos de existência percorreu um ciclo de experiências tremendas e sacrificios indizíveis, e foram talvez estas mesmas experiências, estes mesmos sacrificios e ainda uma série de circunstâncias favoráveis, que salvaram para o Brasil um artista e para a nossa satisfação um punhado de poesias sinceras e simples que põem em relevo a delicadeza da alma, a nostalgia e resignação silenciosa e triste do negro escravo, tão bem representados pelo nosso poeta.

Em criança foi amparado por uma família fidalga que o mandou educar e instruir, de grande valor lhe foi esta instrução, sem ela não teria conseguido externar

AOS TORTURADOS

CRUZ E SOUZA

Torturados da vida, um passo adiante,
Nos desertos dos áridos caminhos,
Abandonados, trêmulos, sózinhos,
Infelizes na dôr a cada instante!

Sôbre a luz que vos guia, bruxoleante,
E, além dos trilhos de ásperos espinhos
Fulgem no Além os deslumbrantes ninhos,
Mundos de amor no claro azul distante...

Chorai! que a imensidade inteira chora,
Sonhando a mesma luz e a mesma aurora
Que idealizais chorando nas algemas!

Vibrai no mesmo anseio em que palpita
A alma universal, sonhando aflita,
As perfeições eternas e supremas!

o que lhe ia n'alma, sem ela teria levado para o túmulo o conteúdo das delicadas páginas que nos enlevam e arrebatam.

Sua côr, sua condição inferior de vida, sua descendência humilde, foram os alicerces do seu sofrimento, e como se não bastasse ainda o que por herança lhe havia fornecido a natureza, foi desprezado incompreendido pelos próprios conterrâneos, foi combatido e humilhado. Nasceu pobre e miserável foi seu último momento, não viu senão a face trágica de tudo, teria talvez sucumbido se, no meio da quasi geral hostilidade, não o socorressem, amparassem, mãos miraculosas, compreensivas, caridosas, afastando-o do desespero supremo definitivo.

Negra era sua côr e negra era sua vida. Era humano e como todos, seus semelhantes, amou, amou com todas as forças de uma alma apaixonada, com todo o ardor de um coração de poeta. Mas até o amor, misericordioso e confortador, até este bálsamo sublime lhe foi negado. Sim, ele teve a imprudência ou infelicidade de deixar nascer no peito um amor impossível; ela era uma dama, ele um filho de escravos, ela era rica ele um miserável, ela linda e altiva ele um infeliz humilde e desprezado. Mas uma contribuição para dar ao mundo de sonho, dor e desejo daquela alma torturada a necessidade de expansão de forma.

Segue então para o Rio, sofre amargos ultrajes, desilusões tremendas, porém encontra aí o carinho a abnegação da que havia de ser mãe de seus filhos, mas, oh! sorte cruel, vida ingrata, o consolo de um lar não lhe foi dado gozar por muito tempo. A companheira fiel e dedicada enlouquece, depois a tísica impiedosa invade aquele lar humilde e ele vê um a um todos os filhos tombarem sob o golpe certo da terrível doença.

Suas principais obras foram reunidas em diversos volumes, dois dos quais apareceram ainda em vida do autor, foram "Missa" e "Broqueis", o primeiro um livro de prosa e o segundo uma coleção de poesias; mais tarde, por diligências de amigos, surgem: "Evoações", "Farões" e "Últimos Sonetos".

Embora falte à poesia de Cruz e Souza a expressão à moda clássica, são elas forte de sentimento, aflito, recôndito, doloroso e sopitado, trazem o cunho da dor, retratam fielmente as lutas travadas entre as suas aspirações de sonhador e a sua condição mesquinha de negro, de miserável.

E' desse conflito pungente, para uma alma sensível como a dele que humilde de condição se fez soberba e altiva encorajando-se contra o desprezo dos homens, e as próprias humilhações, que floresce a espécie de alucinação do seu estro, e que faz da sua poesia uma flor exótica de rara beleza e colorido, de perfume estravagante mas delicioso nos jardins das nossas poesias. De todas as suas criações ressaltam uma elevação espiritual, uma nobreza de sentimentos, uma dignidade de caráter que nunca se apagam. Foi um poeta franco e sincero, não cantou paisagens estrangeiras, nem entôu fingidas ladainhas a marquesas e duquesas. Inspirado pelos radiosos cenários da nossa natureza, pela dor ou peripécias de uma vida atribulada, seus

versos são simples mas sinceros, são gemidos de um coração dilacerado.

Sim, dilacerados pelas desilusões e pela terrível moléstia que lhe minava o organismo, e que no auge da sua marcha destruidora, obriga-o a recolher-se a um lugarejo em Minas, e lá a 19 de Março de 1898, Deus colhe aquela vítima do egoísmo e da incompreensão humana, e lá longe da terra que o viu nascer, longe do túmulo dos entes queridos, preso às garras da doença que lhe desfizera o lar, aquela alma sofredora e triste alça vôo para as regiões etéreas do sonho e da esperança. Sim, alça vôo senhores, porque Cruz e Souza não morreu, ele vive e viverá eternamente através das maravilhosas páginas de sua criação.

Ainda homenageando o poeta, filho de escravos, depois de terminarem as prolongadas palmas que coroaram as últimas palavras da senhorita Dalva, a senhorita Olga T. Alves, com admirável encanto, com sentimento e com gestos de grande declamadora, disse a poesia "Alma ferida", do já referido poeta.

Como não podia deixar de ser, foi agraciada com palmas sinceras porque bem as mereceu.

Mas os organizadores da festa litero-musical não mediram sacrifícios e foram duplamente felizes porque encontraram boa vontade e muita capacidade em todos os convidados para a execução de tão bem escolhido programa. Assim, apresentaram ao seletto auditório a senhorita Dilza Dutra que, ao violão, cantou "Meu Brasil". Voz ótima, execução perfeita, bem mereceu os aplausos que lhe foram tributados.

Mas, a festa, era também uma exaltação aos poetas e literatos que viveram, sofreram e morreram. Não sendo possível citarem-se todos, foram escolhidos os que mais se elevaram no conceito da mocidade e para isso foi escolhida a senhorita Lina Faraco, que tratou da personalidade de Jackson de Figueiredo e, assim, falou:

"Encarregada de falar sobre a personalidade insigne que foi Jackson de Figueiredo, de saudosa memória, tentei expor, em linhas gerais, o que foi e o que deve representar para nós, esse homem admirável, que a morte tão prematuramente arrebatou, impedindo de legar a posteridade, tudo o que tinha em mente compreender.

Todo o homem é produto do seu tempo e o espírito do tempo em que vive, determina a maneira pela qual ele observa as coisas. Para que melhor se compreenda uma pessoa é necessário conhecer o meio no qual ela viveu e trabalhou. Assim conhecendo o pensamento do Brasil, no tem-

po de Jackson de Figueiredo, melhor compreenderemos o seu grande valor.

Conforme estudos feitos sabe-se que, naquela época, havia no Brasil tres correntes filosóficas dominantes: o positivismo, o evolucionismo de Spencer e o monismo de Hegel. O materialismo estava na ordem do dia. A inquietação moderna predominava. E assim, foi num ambiente de religião enfraquecida e confusão intelectual, que Jackson de Figueiredo surgiu. Nasceu a 9 de Outubro de 1891, em Aracajú. Seu pai era o farmacêutico Luiz de Figueiredo Martins e sua mãe, D. Regina de Figueiredo Martins, que descendia de distinta família baiana.

Jackson, desde pequeno, ambicionava ser escritor e aos nove anos já escrevia versos. Em 1915 formou-se advogado, pela Escola de Direito da Baía. Sua vida foi tempestuosa desde o começo. De temperamento irascível e violento era muito exigente na escolha dos amigos. Para estes era leal; aos outros desprezava. Teve uma vida de estudante muito movimentada. Esteve envolvido em várias brigas e questões com a policia, recebendo, em uma destas, um ferimento, cuja cicatriz ainda aparecia, quando deixou de existir. Entre seus colegas foi ele sempre o lider.

Foi um escritor vibrante de idéias. Seus livros não constituem obra prima de literatura. Todavia, valorizam-se suas obras porque, como disse Jonatas Serrano: "Ele escrevia por impulso irresistível do seu eu total, coração, cérebro e vontade, para comunicar o seu drama interior de homem faminto de verdade, sedento de uma palavra redentora, e que — tendo-a enfim descoberto, a queria comunicar, generoso, dispartindo o seu tesouro, na agitação dos que tem grande obra por erguer, e sabem que o tempo foge, efêmero e irresistível".

Escreveu livros e discursos, entre os quais: "Garcia Roso"; "O crepúsculo interior"; "Pascoal e a inquietação moderna"; "Aevum"; "O nacionalismo na hora presente", e muitos outros. Elogiado por suas obras foi também muito criticado. Ele mesmo sabia que teria muitos inimigos mas, em compensação, grande seria o número de adeptos, que compreenderiam as verdades escritas em seus livros.

E num domingo, 4 de Novembro de 1928, a morte, em sua marcha inexorável, ceifou-o tragicamente. Fora ele a pesca com seu filho e um amigo, quando ao tentar apanhar uma isca, perde o equilíbrio e cai no oceano. Apesar de bom nadador seus esforços foram inuteis. E, acenando para o filho e o amigo, que na praia rezavam desesperadamente, submerge nas ondas.

"Em vida foi grande; na morte um herói".

Jackson cumpriu integralmente a sua missão de homem-semente; dignificou-nos e enriqueceu-nos a todos, recordando-nos os mais altos problemas do nosso destino.

"Que a memória desse homem de fogo, que o mar um dia apagou seja para nós uma bandeira, uma fonte de resistência e de ânimo", à sombra da qual, marcharemos sempre avante, para o bem nosso e o do Brasil".

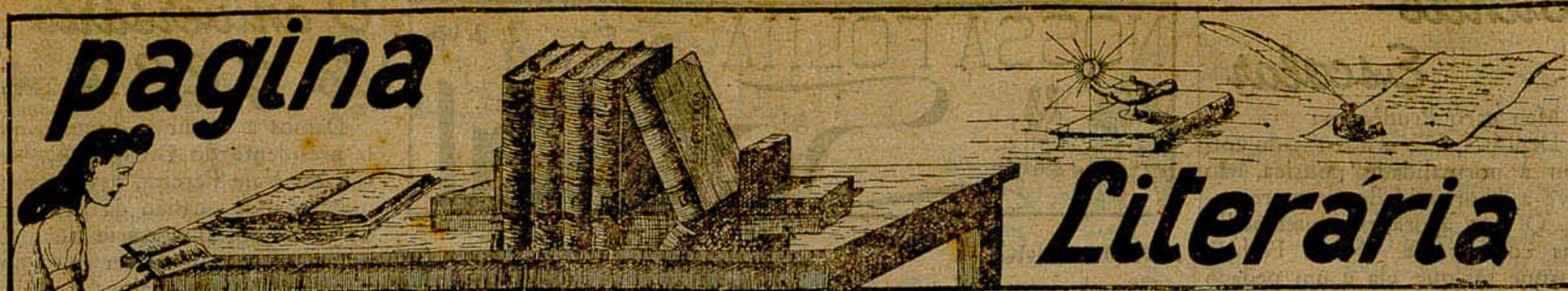
Foi muito feliz, não só no conjunto que organizou, citando a vida e a obra do grande brasileiro, como na interpretação, fazendo-se merecedora das palmas que recebeu.

Outro grande poeta foi lembrado, idêntico a Cruz e Souza em tudo, no sofrimento e na cultura, na enfermidade e na revolta íntima — Augusto dos Anjos —, paraibano de nascimento, morreu moço, com 30 anos apenas e já como professor do Colégio Pedro II. Armênio Wendhausen, do G.C.C.R.A., interpretou com alma, como traduzindo toda aquela revolta estampada em "Versos íntimos", daquele imortal artista.

Como os anteriores, este jovem estudante foi, também, aplaudido.

"Dama de fogo", foi a execução seguida, na eximia interpretação da senhorita Wilma Ritcker. Justos, justíssimos foram os aplausos que lhe tributaram.

Sentiamos a tristeza se aproximarmos, as horas tinham transcorrido velozmente e pezava-nos deixar aquele ambiente sublime. Tres cousas maravilhosas se continha nele: Mocidade, Música e Literatura.



Coluna dos Grandes Homens

Este é o título de uma nova secção, de "Nossa Folha" que é uma criação de Armenio Wendhausen, nosso competente reporter, que fará desfilar doravante as principais figuras não só do Brasil como também do mundo.

Iniciando esta coluna, aqui está, na colaboração do idealista Armenio Wendhausen, a primeira apresentação que versará sobre Casimiro de Abreu:

CASIMIRO JOSÉ MARQUES DE ABREU

Aos 4 de janeiro de 1837 em Indaiassú, Barra de S. João, na província, hoje Estado do Rio de Janeiro, nasceu o famoso e popular poeta.

Estudou em Nova Friburgo; o pai destinou-o ao comércio, carreira para a qual não sentia nenhum atrativo.

Sendo sua vocação contrariada, adoeceu e foi pelo pai mandado a Portugal. Viveu na Terra de Camões durante 4 anos. Após esse tempo voltou a Nova Friburgo, aí falecendo aos 23 anos de idade, em 18 de outubro de 1860.

Obras: "Primavera", Rio 1859; "Camões e Jau", cena dramática, Lisboa, 1856.

AMOR E MEDO

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, ó bela
Contigo dizes, suspirando amores:
"Meu Deus! que gelo! que frieza aquela!"

Como te enganas! Meu amor é chama
Que se alimenta no voraz segredo;
E se te fujo, é que te adoro louco...
Es bela — eu moço; tens amor, eu... medo!...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,
Das folhas secas do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em dores;
A luz da aurora me entumece os seios,
E ao vento fresco do cair das tardes
Eu me estremeço de cruéis receios.

É que êsse vento que na várzea — ao longe,
Do còlmo o fumo caprichoso ondeia,
Soprando, um dia tornaria incendio
A chama viva que teu riso ateia!

Ai! se abrazado crepitasse o cedro
Cedendo ao ráio que a tormenta envia,
Diz: — que seria da plantinha humilde
Que à sombra dele tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrara a planta qual queimara o galho
E o pobre nunca reviver podera,
Chovesse embora paternal orvalho!

Ai! si eu te visse no calor da sesta
A mão trememente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabelos nas espáduas nuas!...

Ai! si eu te visse Madalena pura,
Sobre o veludo, reclinada a meio
Olhos cerrados na volúpia doce,
Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! si eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginais do pejo,
Tremula a fala, a protestar baixinho...
Vermelha a boca, soluçando um beijo...

Diz — que seria da pureza de anjo,
Das vestes alvas, do candor das asas?
— Tu te queimaras, a pisar descalça,
— Criança louca, — sobre um chão de brasas!

No fogo em que me abrazara inteiro!
Ébrio e sedento na fugaz vertigem,
Vil, machucara com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame eu sorveria em beijos
Toda a inocencia que teu labio encerra,
E tu serias ao lascivo abraço
Anjo enlodado nos paúes da terra.

Depois... desperta no febril delirio,
— Olhos pisados — como em vão lamento,
Tu perguntaras: — que é da minha crôa?
Eu te diria: — desfolhou-a o vento!!!

Oh! não me chames coração de gelo!
Bem vês: Traí-me no fatal segredo.
Se de tí fujo é que te adoro e muito,
Es bela — eu moço; tens amo, eu — medo!

(“As Primaveras”)

A uma rajada horrível de vento, desagrega-se o navio, enverga-se os mastros e parte o lême, ficando sem governo a triste tripulação. Esta, espavorida sobre o convés, e, impaciente e desesperada acena para os salvadores que já se aproximam.

Continua impetuoso o Rei dos Furacões que promete sem pena alguma tragar para sempre aqueles que tão alegremente viajavam e que ora se encontram nas garas da morte. Nova e forte onda de vento parte do sul e arroja de encontro ao rochedo o triste navio. Abre-se o costado e a água furiosamente invade o convés. Tudo perdido! Porém, resta uma única esperança — as lanchas que já abordam o navio, pois êste ao pêso da água já submergia.

Um brado agora cheio de esperança parte pelos ares, e, sem esperar vão ocupando as lanchas, tudo sob uma determinada ordem. Algumas já estão de rumo a praia, outras já se movem para partir, e do naviosinho apenas resta uma carcassa, e sobre esta aponta um homem, sembrio de pele bronzeada, olhar triste e severo — é o capitão do navio. Este bravo habitante marinho que há 20 anos trabalha na embarcação que ora submerge, de olhos razos de lágrimas, cabisbaixo, solta ao ar um “adeus para sempre” ao navio que durante tanto tempo lhe serviu de morada, e lentamente pisa o pé na última condução que restava.

Volta mais uma vez seu olhar aos restos do barco, que como para finalizar o quadro das amarguras, havia descido ao fundo do oceano, indo servir de leito aos tubarões.

Após duas horas, os naufragos chegam à Praia das Saudades, pisando a branca areia de Coqueiros, todos calmos e satisfeitos, emocionados pela cena de que acabavam de presenciar. Eu que, de um recanto da praia tudo apreciava, vi, então, como estavam alegres aqueles bravos rapazes coqueirenses que acabavam de dar a umas dezenas de pessoas, a vida e a fôrça, salvando-os de uma imminente e terrível morte.

Senti-me portanto, orgulhoso ao notar que minha terra é tão hospitaleira, tão acolhedora, que a todos agrada, dando vida e conforto aos necessitados.

Como é bom nascer numa terra assim!

Armando Taranto

4.ª Série do Curso de Mecânica de Máquinas.

No goso de férias seguiu no dia 16 do andante, para Curitiba, o professor Antônio Pereira Gutierrez, chefe de Curso da Secção de Artes Gráficas da Escola Industrial. Desejamos ao ilustre viajante feliz repouso.

Foi então anunciada a execução do hino do CIC, enquanto se ultimavam os preparativos para a execução da comédia que iria dar por finda tão agradável festa. De pé foi, então, cantado o hino do Centro de Intercâmbio Cultural, letra de Ari Melo e música de Osvaldo Melo Filho. Ao terminar a execução já estava pronta para a cena a comédia “Mulher de gelo”, que teve a desempenhá-la a senhorita Wanda Elterman e os jovens Wilson Pessoa e Nilton Lopes.

Interpretação regular. Aplausos entusiásticos.

A assistência que se achava presa por tão atraente programa, retirou-se depois de ver e ouvir os números tão bem organizados como executados, merecendo todos, com justiça, nossos francos elógios que os tornamos extensivos aos dirigentes do Centro de In-

UMA TEMPESTADE

Longe, muito longe, lá no sul da “Praia das Saudades” entre as ondas furiosas do oceano, nota-se um pequenino vulto, que mais parece uma fôlha a balançar nas águas bravias do mar.

Esse obscuro ponto, da praia vai-se aproximando e toma então o formato de uma frágil embarcação. Navega tranquila e serena sua tripulação, ao dispor dos elementos. Uns partem em busca de fortuna, outros voltam a sua terra natal, porem todos unidos numa pequena e insignificante embarcação, enfrentando o imenso campo líquido, esperançados

tercâmbio Cultural, felicitando-os pelo feliz transcurso e desejando a reprodução de muitos festivais como o que se nos foi dado o prazer de assistir.

de uma boa chegada ao seu destino. Infelizmente, uma nuvem negra e baixa cerca o navio e forte ventania sopra do sul, levantando estrondosos vagalhões que ameaçam de um momento para outro sepultar em seu seio horrível os infelizes tripulantes.

O vento teimoso continua soprando riço e enfurecido, sacudindo os mastros, rasgando as velas e arrojando montanhas d’água que invadem o pavimento superior do navio. Um só grito de horror voa pelo espaço afora, saído dos lábios daquelas criaturas que estavam prestes a sosso-brar debatendo-se contra a tempestade. Ao sinal de socorro, partem de nossa praia diversas lanchas prontas a prestar auxílio as vítimas que ora lutam com os elementos.

Bilhete Escolar

Meu caro Prudêncio:

Depois que o nosso Estado voltou à normalidade política, não tive a oportunidade de escrever-te. O faço agora, por intermédio das colunas de "Nossa Folha", porque sei que ela é um pedaço de nosso Estado, de nossa Pátria, de nossa família. Temos por esse mensário um amor, uma paixão mesmo, como quando se ama e não é compreendido. Esse é na realidade, o amor que nos prende ao jornal do Grêmio que tu idealizaste e só tu mesmo creaste porque tinhas vontade, tinhas coragem, tinhas inteligência, elementos essenciais para vencer em tudo quanto queiramos. Às vezes lemos nos jornais afastamentos de determinadas pessoas, de cargos ou lugares, de cidades ou Estados e referências a que tal claro é uma lacuna impreenchível, pela dificuldade em encontrar-se outra pessoa com idêntica capacidade de trabalho ou força de vontade e lendo, fazemos um muchocho de pouco caso, dizendo haver, na notícia, excesso de expressão. Mas na realidade é o que se estampa e o provamos por nós mesmos. O teu lugar nas atividades gremistas está vago, e não há dúvida, bem difícil de ser preenchido. Os nossos companheiros de lutas não são dotados daquela força de vontade que tão bem te caracteriza com o "querer é poder", tanto assim, que "Nossa Folha" já tem sentido mais de um colapso e de uma hora para outra sobrevirá a paralisia, tão comum nesses casos quando o diagnóstico se caracteriza pela falta de vontade, sem forças para reagir, enfraquecimento das forças motoras, desamor à causa, etc. Não quero apelar para o teu concurso direto, como a presidir uma conferência capaz de salvar nossa enferma, porque te conheço e tenho na retina, sobretudo, a necessidade da Pátria que precisa de forças novas para a sua grandeza, e tu és uma parte dessa força que se prepara para o grande trabalho de concretização daquilo que se fala, que se prega há dezenove séculos — o seu progresso —. Por isso, em vez de pretender distrair-te para cá, procuro afastar-te do meio onde se desconhece o esforço e a boa vontade, para prender-te cada vez mais aí, onde não será só Santa Catarina que precisará de ti, mas o Brasil inteiro. Procura compreender estas rudes palavras e estarás certo do quanto de realidade, de sinceridade e de desejos de um dia ver no solo pátrio tremular a bandeira bendita da Democracia, mas, compreende bem, Democracia com D grande, D maiúsculo, D versal, D caixa alta, D sem política de afilhados, sem promessas, sem fome, sem comunistas, sem trabalhistas, sem integralistas, sem peessedistas, sem ude-nistas, mas só com brasileiros honestos, trabalhadores, inteligentes, fortes e sobretudo cristãos; bandeira que tremule com altivez como altivamente tem tremulado sempre nosso incomparável "auriverde pendão de minha pátria", na frase imortal do príncipe dos poetas. — Abraços do amigo de sempre. — T. SILVA.



ANIVERSÁRIOS

Completaram mais um ano de existência os jovens que estudam na Escola Industrial em seus diversos cursos:

MAIO

1.ª SÉRIE

Ademar José Vieira a	8
Arno Neri Batschauer a	15
Bertino Cezar de Morais a	19
Fausto Fernando Gerber a	20
Leonete Silva a	23

2.ª SÉRIE

José Maria Kuntz a	9
José Maria Macedo a	15
Alfredo Souza a	23

3.ª SÉRIE

Neri De Rochi a	1.º
Vilmar Pucini a	27

4.ª SÉRIE

Elvi Guimarães a	6
Mário Manoel Loureiro a	27

JUNHO

1.ª SÉRIE

Nelson Vaz Vieira a	5
Valdemar Seifer a	11
Antonio C. Pereira a	13
Gilberto Valentim da Silva a	19
João Francisco dos Prazeres e	
João Batista da Rosa a	24
Nivaldo Nunes a	25
Oswaldo Carvalho a	30

2.ª SÉRIE

Dalmiro de Abreu,	
Jair dos Santos e	
Valdemiro da Silva a	2
Ari Reinete dos Santos a	30

3.ª SÉRIE

Valmir Müller a	7
-----------------	---

4.ª SÉRIE

Neri Francisco Campos a	16
-------------------------	----

A todos esses nossos prezados colegas, "Nossa Folha" abraça-os cordialmente, desejando progresso nos estudos e felicidades infundas no transcorrer de inúmeros anos.

—§—

No dia 2 de Maio completou mais um aniversário a Sra. Dona Maria Silva, funcionária muito estimada, da Escola Industrial.

— A 7 de Maio viu passar mais um ano de laboriosa existência, toda consagrada ao ensino e à sua arte, o Sr. Hugo Antônio Fabeni, professor chefe de Curso da Secção de Fundição.

— No dia 8 de Maio transcorreu, dentre as alegrias de sua família e dos seus colegas da Escola, a data aniversária do Sr. Mário Heleodolo Ferreira, zeloso funcionário do nosso Educandário.

Num gesto altamente amistoso reuniu seus amigos para oferecer uma lauta ceia que transcorreu num ambiente de elevada simpatia.

— Nesta mesma data festejou seu natalício, nosso amigo Valdemar José da Silva, enfermeiro da Escola.

— A 9 completaram anos, nossos amigos Srs. Bertino Gregorio Pereira, almoxarife da Escola e o Sr. Dr. Orlando Filomeno, cirurgião-dentista.

— 12 de Junho foi uma data de grade alegria para os componen-

tes do quadro da Secção de Arte Gráficas da Escola Industrial, pois assinalou a passagem de mais um ano de preciosa existência do Sr. Valdemar Cirilo Dutra, professor de Encadernação.

Num gesto que bem o distingue reuniu seus companheiros de trabalho num jantar que teve lugar no Restaurante Miramar, que transcorreu num ambiente de franca cordialidade.

— No dia 15 completou anos o Sr. Francisco Chagas Vasconcelos, funcionário da Escola.

— A 13 aniversariou o nosso prezado amigo professor Antônio Prazeres, da Secção de Marcenaria, que foi muito felicitado, dada a alta estima em que é tido por todos.

— Dia 19, assinalou, dentro de palpitações alegrias, o transcurso do aniversário do jovem Renê Abreu Pacheco, funcionário da Escola, muito estimado por sua lhanza e cavalheirismo.

A tarde, no Restaurante Estrela, reuniu seus colegas e amigos para oferecer-lhes luto jantar, que transcorreu cheio de encantamento não só pela estima em que é tido o Renê como pelas palestras aventadas no seio dos convivas.

— Dia 24 completa anos o Sr. Nilo Jacques Dias, professor chefe de Curso da Secção de Carpintaria da Escola Industrial, muito bemquisto por todos seus colegas e funcionários.

— Jutair Beiro Carames aniversaria a 30 de Junho. E' com imensa prazer que fazemos este registro, pois é um dos nossos bons amigos e enche-nos de alegrias esta data.

"Nossa Folha", embora tardiamente para alguns, felicita a todos, desejando a reprodução de tão auspiciosas datas por muitíssimas vezes.

NUPCIAS

No dia 8 de Maio p. passado contraiu nupcias o Sr. Edmundo Paegle, professor de Ensaios Físicos de Metais, com a senhorita Jesuina Cordeiro Abreu.

— No dia 24 do mesmo mês com a senhorita Duartina Silva, contraiu matrimônio o nosso prezado amigo Sr. Ivo Merizi, enfermeiro da Escola Industrial.

— No próximo dia 21 de Junho se unirá pelos laços do matrimônio à senhorita Nilma Leal Nunes o Sr. Antônio Prazeres, digníssimo professor da Secção de Marcenaria da Escola Industrial.

A todos, nossas felicitações.

AVISO

Tendo solicitado demissão do cargo de 1.º tesoureiro do Grêmio, comunico que assumiu-o o 2.º, Armando Taranto, no dia 1.º do corrente.

Florianópolis, 15 de Junho de 1947.

Valmir Muller
Secretário.

O aniversário do G.C.C.R.A.

Damos a seguir o discurso que o presidente do G.C.C.R.A., Nereu do Vale Pereira, deveria pronunciar por ocasião da passagem do primeiro aniversário do Grêmio, que deixou de ser feito por motivo de força maior:

"PRIMEIRO ANO DE EXISTÊNCIA DO G.C.C.R.A.

A mais de quatro séculos, que esse gigantesco tesouro da natureza, que é o Brasil, foi despertado pelos nautas portugueses.

Despertou-se o gigante, mas não lhe foi dada a honra de uma civilização concreta. Foi, pois, o seu povo se educando de-persi e ainda com a mente cercada pela ruidez de outros seres degradados, ladrões ou assassinos que para cá eram trazidos.

Longo foi o espaço de tempo que os habitantes desse gigante levaram para poderem tomar o ritmo de seus desejos e somente tres séculos após, conseguiram tornarem-se dono de seus ideais.

Impulsionado por um descomunal Tiradentes, por um não menos altaneiro José Bonifácio e outros, libertou D. Pedro a nossa Pátria do jugo português que apesar dos 300 anos de posse, nada se notava de progresso.

Mas não foi daí o início de nossa cultura. Somos, por assim dizer, um povo que vive livre aproximadamente há cincoenta anos.

Transcorriam os anos, revoluções, mudanças repentinas de constituições e mais uma série de fatores perturbavam constantemente a capacidade cultural do povo brasileiro.

Ultrapassou-se 1935. Eis, então, que surgem os primeiros passos. Iniciou o então presidente da República, uma campanha cerrada contra o analfabetismo, apoiado pelos governadores estaduais, surgindo dentro do Brasil centenas de estabelecimentos de ensino. O efeito foi notório.

Como resultante do primeiro movimento educacional nasce a campanha pro-agremiações culturais, derivada de uma portaria baixada pelo Sr. Dr. Getúlio Vargas, tornando obrigatória a existência de entidades deste gênero, em todos os estabelecimentos de ensino secundário.

Santa Catarina, este pedaço do rincão auri-verde, que serviu de berço a Anita Garibaldi, Cruz e Souza, Luiz Delfino, Victor Meireles e também ao homem do momento Dr. Nereu Ramos, foi batida pela brisa cultural em 45, quando surgiram o Clube de Sociologia Tristão de Ataíde e o Grêmio Cultural Professora Antonieta de Barros.

Veio 1946. Ano cheio de surpresas, cheio de movimentos políticos, cheio de crise vinda de uma guerra que levou a escuridão da morte milhares e milhares de seres humanos, que se debatiam como feras de baixo do rebarbar das bombas, do estourar dos canhões e por fim arrasados com a expansão da bomba atômica, mas essas labaredas não constituem barreira a quem é levado por outros ideais que avivam a chama do patriotismo.

E assim surgiu sobrepondo-se a todos os obstáculos, dentro do nosso estabelecimento uma agremiação cultural que, pelos seus fins, pela sua presença, elevou tão alto o conceito externo de nossa escola. Grêmio Cultural "Cid Rocha Amaral" foi o título que recebeu a novel agremiação, em homenagem ao nosso diretor, que merece por todos os títulos o nosso respeito e a nossa admiração pois, todo o seu esforço, converge no mesmo sentido do que o do Grêmio.

E' o G.C.C.R.A. uma agremiação onde os sentimentos de brasilidade se sobrepõem a qualquer outro e por isso, jamais admitiremos, dentro de nossas ações, expansão ou pensamentos de doutrinas exóticas e extremistas, que não só são perniciosas à nossa liberdade cristã como também ameaçam o nosso direito de povo livre.

Plantamos há um ano a semente, porém vingou e já está transformada num arbusto frondoso e esbelto, apresentando seus primeiros frutos.

6 de Maio, data que simboliza a nossa vitória, tão próxima da vitória dos povos livres, há de vibrar pelos anos afóra; passarão os anos, transformar-se-ão as idênticas e este dia será sempre lembrado e honrado por todos os que labutam e labutarem pela grandeza desta terra encantada que centenas de pensadores traçaram em letras

(Conclue na 6.ª página)

LINGUA DE TRAPO

Há certos indivíduos neste mundo de Deus que bem merecem... não sei o quê.

Refiro-me a estes "Tipinhos" que andam por aí, como verdadeiros parasitas da nossa sociedade; fazem farol com e por tudo.

Quando não andam "filando", andam escandalosamente a mexer com garotas, dando piadas, fazendo farol...

Não dão um passo, não movem um dedo sequer, sem fazer uma "bossinha".

Quando vêm as horas, levam o braço até o "Irajá". Qualquer dia hão de dar um soco num "massa bruta," por descuido e eu quero só "cubar", porém, bem de longe.

O paletó sempre aberto para, acho eu, mostrar o suspensório e a cinta.

Quando conversam, aplicam a torto e a direito termos ingleses, não sei para que. Afinal, a língua portuguesa tem ou não tem termos suficientes para que o cidadão possa se expressar sem o auxílio de outra língua? Sou de opinião que tem. E vocês, caros leitores? Só se ouve aqueles "good bye" ou "good morning", que além de antipáticos, ainda são mal pronunciados.

Afinal... todos sabem como é o negócio. E eu só espero que não reparem e perdoem-me a língua.

Até pareço mulher quando falo!...

Nota: Não me refiro a todas.

É MESMO ASSIM

Uma senhora falava a três cavalheiros:

— O senhor é casado? — perguntou a um.

— Sou livre — respondeu o solteiro.

— E o senhor?

— Sou experimentado — respondeu o viuvo.

— E o senhor?

— Sou suicidado — respondeu o casado.

EXAME DE GEOGRAFIA

O professor pergunta:

— Manaus fica à margem de algum rio?

— Fica, sim senhor.

— E qual é o nome do rio?

Silêncio do examinando. Compadecido, um colega mostra-lhe, com insistência, sua própria gravata negra. Após alguns instantes o rosto do rapaz ilumina-se e êle grita:

— O Rio Gravata!

NO CARTÓRIO

— O senhor escreve o seu nome com dois "G"?

— Nunca experimentei, sempre escrevo com a caneta.

LADAINHA DAS MOÇAS

Para ser rezada à meia-noite de sexta-feira, com um prego debaixo de cada joelho e muita devoção.

Esta milagrossa ladainha deve ser tirada em voz alta por uma moça e respondida em coro pelas outras.

VENENOS



Santa Guiomar — quero me casar
São Benedito — e com um rapaz bonito

São Joanico — que seja rico
Santo Eliziário — se fôr milionário
São Belchior — será muito melhor
São Vicente — que seja paciente
Sant'Ana Romeira — e abra a carteira

Santa Maria — faça economia
São João de Vigo — porém só consigo

Santa Rosa Murta — e tenha vista curta

São Dagmar — para não notar
São João de Malta — se eu cair em falta

Santo Antero — além disso eu quero

São Justiano — que em março de cada ano

São João de Campolide — êle me convide

Santa Beatriz — para irmos a Paris

São Trancoso — que seja amoroso
São Gabriel — e muito fiel
Santa Inêz — e me dê por mês

São Josefino — um vestido fino
São Henrique — e um chapéu bem chic.

(Transcrito inteiramente da "Caretta", n.º 197, de 9 de março de 1912).

SALVO!

O marido entra sorrateiramente pela janela. Olha o relógio, são tres da madrugada. E' preciso não fazer barulho para não despertar a... De repente a Marocas, ou melhor, a terrível Marocas, salta de traz de um armário, trazendo à mão um "bruto" rolo de fazer pastéis.

— Aí heim!?... Chegando a estas horas...

O pobre homem, sentindo-se perdido, tratou de armar um plano. Seu cérebro trabalha febrilmente. Ah! uma ideia:

— Devagar — diz calmamente, porque eu trago nos bolsos uma dúzia de ovos...

Posso garantir que nosso homem salvou-se. Também, com o preço dos ovos... Pudéra!

IMPOSSIVEL

Seu patife, cretino, repita para mim o que disse a minha filha ontem à noite.

— Impossivel, seu Maneca, como é que eu vou dizer que o sr. é prá lá de "boa"?

ANCORA

— De que sistema é o teu relógio?

— Ancora... de salvação, quando estou pendurado.

PALAVRAS DE UM GAROTO

— A vaca é o animal mais completo e útil; dá leite, carne, ossos, chifres e... a corda para fazer balanço.

ESSAS CANTORAS...

— Há muito tempo que não a vejo cantar.

— O médico proibiu-me.

— Ah! êle é seu vizinho?

CEGO NO DURO!

— Aquêle é um cego fingindo! Disse-me: "Uma esmola por amor de Deus, minha linda menina"

— Pois então? E' cego no duro!

"E OS PERNETAS"?

Certo negociante abriu uma loja de calçados à qual deu o nome de "Aos mil e um calçados"!

Um amigo, intrigado, perguntou-lhe:

— Mil e um?... Porque escolheste um número impar?

— Ah!... é porque também há os freguezes pernetas.

RAIZ QUADRADA

Cena passada em ato de exame, numa aula de curso comercial.

Professor — Queira dizer-me o que é uma raiz quadrada.

Examinando — Perdão, eu vim aqui para ser examinado em Contabilidade Comercial e não em agricultura.

QUAL É O PENTE?

O snr. Cunha, completamente calvo, visita a família Lemos.

O "caçula" dos Lemos, na sala de visitas repleta, pergunta-lhe:

— Seu Cunha porque é que o senhor se penteia com a navalha de barbear?

A UNIÃO FAZ...

Papai é verdade que a união faz a força?

— E', sim, meu filho.

— E como é que quando o senhor põe agua no vinho, diz que é para ficar mais fraco?

UM ORADOR AO TERMINAR UM DISCURSO FÚNEBRE:

— Uma única coisa deve consolar-nos ao pensarmos no querido morto... Ele não viu aproximar-se a morte... era cego.

O AGIOTA À SUA VÍTIMA

— Em atenção especial ao senhor, estou disposto a esquecer metade de sua dívida.

— E eu, respondeu a vítima, provo responder a esta cortezia, tratando de esquecer a outra metade.

ENTRA POR UM BURACO

— Você com esta roupa esburacada não sente frio?

— Não, senhora, o frio entra por um buraco... e sai pelo outro.

QUERIA DORMIR

— Quem bateu a porta ontem à noite?

— Foi o guarda noturno, patroa.

— Que queria êle?

— Que a senhora parasse de tocar piano; êle queria dormir...

ENTRE MÉDICOS

— Confesso-te, caro colega, que não me importo nada com a vida...

— Dos teus doentes?

PRONTIDÃO

— Vamos fazer uma "vaquinha" para ir ao cinema? Eu entro com 2 cruzeiros.

— Está bem; e eu entro contigo.

"O TRIO"

Certo indivíduo recebeu de presente duas perdizes. No dia seguinte foi agradecer ao obsequiante:

— As perdizes estavam ótimas!

— Houve algum convidado?

— Éramos em três.

— Quem?

— Eu e as duas perdizes.

HOJE EM DIA

Em um carrinho de 4 rodas jaz um paralítico. Sua esposa empurra o carrinho e pede esmola.

Uma senhora depois de lhe dar um níquel pergunta se não é muito cansativo empurrar aquele carro pesado o dia todo.

— Não, responde a outra, quando me sinto cansada, deito-me no carro e meu marido empurra.

DECLARAÇÃO DE AMOR

Êle — Como são grandes os teus olhos, pequenos os teus pés, longos os teu cabelos, breve a tua boca.

Ela — Mas, afinal você é meu noivo ou é agrimensor?

Estrangeiros em Santa Catarina

Fpolis (DEF) - Dos 1178 340 habitantes que constituíam a população catarinense recenseada em 1.º de Setembro de 1940, 1,8 %, isto é, 21 532 pessoas, eram estrangeiros; enquanto que 0,5 %, correspondentes a 5 669 pessoas eram brasileiros naturalizados; 47 pessoas acusaram nacionalidade ignorada. A percentagem de brasileiros natos, em Santa Catarina, era pois, de 97,7 % relativamente à população total. Essa expressiva percentagem vem contrariar a crença, geralmente aceita, de que é elevado o coeficiente de estrangeiros na população do Estado.

página ESPORTIVA

Nosso Esporte

José Vieira Rebello

Sábado, 4 de maio, como foi oficiado pelo C. I. C. realizou-se em nossas canchas, partidas de Volei e Basquete. Entre as equipes do Instituto de Educação ou melhor G. C. P. A. B. e o G. C. C. R. A. Grêmio este anexo á nossa Escola, deram-se início às partidas com a presença de grande assistência, incluindo representantes dos Grêmios filiados ao C. I. C., funcionários de nosso Estabelecimento e nosso ilustre Diretor digno presidente de honra do Grêmio.

Estas festividades foram realizadas em comemoração ao primeiro aniversário do G. C. C. R. A. o qual muito vem progredindo.

Foi dado início do volei o qual tornou-se empolgante pela igualdade de forças, saindo vencedora a equipe visitante, pelos escores de 15 a 13 e a 2ª de 15 a 11. Os quadros jogaram assim constituídos: G. C. C. R. A. ! Hamilton, Pucini, Cirineu, João Paulo, Rebello e Nicolau, não havendo substituições.

G. C. P. A. B.: Tico, Roberval, Agrícola, Normando, Nilton e Nildo

Após a partida de volei seguiu-se a de basquete, esta decorreu cheia de emoções; a torcida feminina do G. C. P. A. B. que muito incentivou os rapazes do mesmo Grêmio, muito brilhou, pois, enquanto as meninas incentivavam, os rapazes reagiam de maneira assustadora, mas suas forças foram em vão, pois seus adversários tinham bastante classe, apresentando belíssimas jogadas, destacando-se muito Nicolau e Anastácio. Ao terminar a peleja assinalava o "placard" 43 a 22 favorável a equipe do G. C. C. R. A.

Podemos nos orgulhar pela brilhante vitória sobre o G. C. P. A. B. provando assim nossas probabilidades de bi-campeão estudantil de basquet-ball.

As equipes ficaram assim constituídas: G. C. C. R. A. Nicolau, Anastácio, Rebello, depois, Damiani, Pucini, e João Paulo.

G. C. P. A. B. Tico, Nilton, Agrícola, Normando e Roberval

Promovido pelo Centro de Intercâmbio Cultural no intuito de incentivar o esporte estudantil em nossa terra, realizou-se nos dias 31 e 1.º último; um torneio de basquete e volei entre os Grêmios filiados ao C. I. C. Na tarde do dia 31 a cancha do Lira Tennis Club achava-se superlotada por estudantes entusiastas de todos os Educandários de nossa Capital; sendo que as três horas foi dado início à partida de volei, entre as equipes femininas do C. S. T. A. e a equipe do G. C. P. A. B.

Esta partida se desenrolou com muito entusiasmo, pois, as meninas do Instituto ou melhor do G. C. P. A. B. jamais tinham sido derrotadas pela equipe do Colégio que assim dizemos para melhor esclarecermos o assunto; mas parece que o azar foi delas, neste dia, foram derrotadas apesar de não ser por grande escore.

A seguir realizou-se a tradicional partida de basquete masculino pelos grandes rivais G. C. P. A. B. e G. C. C. R. A. Os dois teams dos apresentados no clichê, entraram em campo com o intento unicamente da vitória apesar do Instituto de Educação ou melhor o G. C. P. A. B. já estar bem de-



Ao alto, Da esquerda para a direita: Damiani, Anastácio, Nicolau, Pucini e João Paulo. Em baixo, o quadro do Instituto de Educação

cepcionado com a nossa vitória dias atrás de 45 a 23, bem lembrado. Dado o início da partida abrimos a contagem por intermédio de Anastácio, seguiram-se mais lances, a nossa torcida estava emocionada de maneira que disputávamos um jogo de grande responsabilidade. Notou-se grande técnica de basquete em ambos os quadros. Ora eles tomavam nossa frente, ora nós seguíamos para cabeça, dando-se então uma das melhores partidas de basquete em intercâmbio estudantil.

Decorreu a partida com lances emocionantes. Ao terminar assinalava o placard 13 a 13. Agora vamos a prorrogação, quem teria a honra de receber a taça e as medalhas, gentilmente oferecidas pelo homenageado desta o Grêmio Estudantil Catarinense.

Realizada a porrogação, vencemos pelo escore de 17 a 16, vitória esta que podemos garantir foi Damiani quem nos deu e com esta marcamos mais uma do nosso tradicional basquete e podemos assim assegurar que é justo o nosso título de Bi-Campeão desse esporte.

Dia 1.º realizaram-se as finais do volei feminino entre as equipes do C. L. M. D. e C. S. T. A.

Dos dois times rivais foi vencedor desta, o C. S. T. A., ao

qual a direção esportiva da nossa folha apresenta sinceros parabens e votos de progressos.

Após esta, realizamos o volei masculino saindo vencedora a equipe do G. C. A. B. pelo escore de 2.

Nossos parabens à equipe vencedora pois notamos que muito vem se destacando nesse esporte.

O aniversário do G.C.C.R.A.

Armenio Vendhausen

Dia 6 de maio, por ocasião do 1.º aniversário de fundação do G. C. C. R. A., teve lugar no campo de Educação Física da Escola Industrial de Florianópolis, uma festinha em comemoração a tão significativa data.

A referida festa foi programada em duas partes: uma preleção na

tendo um atrativo todo especial, pois deram aos presentes, momentos de grande júbilo e também... de muitos "ah"! ou "ora".

Quanto às minúcias e comentários sobre os jogos, ficam eles a cargo do comentarista exclusivo de "Nossa Folha".

Estes comentários, palpites, etc. são publicados em outro local, pois não me coube esta missão...

As comemorações foram encerradas às 17 horas.

A diretoria do GCCRA agradece a todos, o precioso reconhecimento, bem como as felicitações que lhe foram dirigidas.

A hora legal em Santa Catarina

Fpolis (DEE) - Todo o território catarinense se situa no terceiro fuso horário a oeste de Greenwich. O ponto extremo do Estado, a leste, é a Ponta dos Ingleses, na ilha de Santa Catarina, a 48° 22' 43" 20 W. Gr.; a oeste, é a confluência do Peperi-guaçu e Uruguai, a 53° 50' 15" 00 W. Gr. Destarte, a hora legal, em Santa Catarina, é de 3 horas menos do que a de Greenwich.

Excursão ao Ribeirão

Com o fim de tomarem parte no festival promovido pelo clube local e medirem forças com os elementos do Luar da Serra Esporte Clube, viajaram para o pitoresco Distrito do Ribeirão, os rapazes componentes do quadro futebolístico da Escola Industrial.

No próximo número daremos notícia detalhada deste passeio e dos lances do jogo que prometem se revestir de emocionantes jogadas, dado o valor de seus integrantes.

O aniversário do G.C.C.R.A.

(Conclusão da 4.ª página)

exaltativas à sua glória, às suas tradições e ao valor heroico do seu povo.

Olhamos para o porvir e mais do que nunca dedicamo-nos aos ideais em que o Grêmio labuta, porque assim, estamos trabalhando para a grandeza de nossa Pátria, dessa mesma Pátria que foi o ninho daqueles que cruzaram o atlântico e lá dormem tranquilos, em sólo que não é o mesmo do auri-verde, mas descansam em paz, porque souberam honrar aquela que lhes deu a existência, deu-lhes as primeiras palavras, deu-lhes a cultura e entregou-lhes as armas para a sua defesa, sobre a qual resplandesça a Cruz de Cristo e desfralda o sacrosanto pendão auri-verde".

GRÊMIO CULTURAL CID ROCHA AMARAL

BALANCETE DO MES DE MAIO

DEVE		HAVER	
13/5/47 Nota n. 4 Cr\$	10,00	Saldo de Abril	Cr\$ 213,00
31/5/47 Nota n. 5 Cr\$	6,00	Contribuição dos	
31/5/47 Nota n. 6 Cr\$	10,00	sócios	Cr\$ 183,00
	Cr\$ 26,00		
Saldo na Tesouraria	Cr\$ 370,00		
Total	Cr\$ 396,00	Total	Cr\$ 396,00

Florianópolis, 31 de Maio de 1947.

Nereu do Vale Pereira, Presidente Hedi Damiani, Tesoureiro
Armando Taranto, Fiscal.